



ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
PÓS - GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE

**O PAPEL DAS PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS NA ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM E DO
ESQUEMA CORPORAL**

PATRÍCIA SANTOS MACHADO

SALVADOR

2016.2



ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
PÓS - GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE

**O PAPEL DAS PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS NA ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM E DO
ESQUEMA CORPORAL**

O artigo apresentado a BAHIANA - Escola de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para obtenção do título de especialista em psicomotricidade, sob orientação da professora mestre Maria Luisa Inguaggiato.

SALVADOR

2016.2

O PAPEL DAS PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS NA ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM E DO ESQUEMA CORPORAL

PATRÍCIA SANTOS MACHADO¹

MARIA LUISA INGUAGGIATO²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir como as produções imaginárias contribuem de forma positiva na constituição progressiva da imagem corporal e conseqüentemente a organização do esquema. E na visão psicanalítica que encontraremos o entendimento sobre como acontece o processo de constituição do sujeito, as relações com os genitores, o processo de reconhecimento da própria identidade e as contribuições dos contos de fadas associados ao jogo simbólico que tem uma significativa importância nesta constituição destacada por Piaget. É como um combustível vital neste processo de iniciação de uma tentativa de compreensão do que acontece no seu inconsciente. Então é através dos contos que a criança tem a possibilidade de expressar-se e entender melhor seus sentimentos, Bettelheim destacou como a criança se deixa seduzir pelos contos por causa do apelo que exerce sobre sua imaginação pelo fato de apresentarem acontecimentos atraentes. E desta forma discutiremos a real importância desses aspectos no processo de desenvolvimento infantil.

Palavras-Chaves: Produções imaginárias. Outro. Constituição da imagem. Organização do esquema corporal.

¹ Bacharel e licenciada em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador -UCSAL

² Psicomotricista – terapeuta corporal na Lugar Centro de Estudos Interdisciplinares e de Atendimento Clínico. Dançaterapeuta. Fisioterapeuta. Coordenadora da pós- graduação em psicomotricidade na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

THE ROLE OF IMAGINARY PRODUCTIONS IN THE STRUCTURING OF IMAGE AND BODY SCHEMA

ABSTRACT

This article aims to discuss how the imaginary productions contribute positively to the progressive constitution of body image and consequently the organization of the scheme. In the psychoanalytic view that we will find the understanding of how the process of constitution of the subject happens, the relations with their parents, the process of recognition of the identity itself and the contributions of fairy tales associated with the symbolic game that has a significant importance in this outstanding constitution by Piaget. It is like a vital fuel in this process of initiating of an attempt to understand what happens in their unconscious. So it is through the stories that the child has the possibility to express himself and to better understand his feelings, Bettelheim emphasized how the child is seduced by tales because of the appeal that he exerts on his imagination because they present attractive events. And in this way we will discuss the real importance of these aspects in the process of child development.

Keywords: imaginary productions; other; Constitution of the image; Organization of the corporal scheme.

INTRODUÇÃO

Entender os mistérios que permeiam o universo das produções imaginárias infantis é algo que aguça a curiosidade sobre o que se apresenta como desconhecido. Compreender o que acontece nesse universo subjetivo da criança, e das ações que às vezes são inconscientes, é o que mantém alguns educadores ainda na busca pelos significados que estas produções representam. Através do olhar o educador observa o brincar das crianças, que apresentam aspectos peculiares da forma como pensam e como interagem com os outros, utilizando de uma linguagem única com diferentes tons de significados e interpretações.

As produções imaginárias remetem a primeira vista a fantasia, ao faz de conta, a tudo que pode ser criado ou inventado e que não necessariamente venha a existir. Nisso os contos de fadas são bem específicos, pois permitem a criança brincar de ser quem ela quiser no momento em que desejar sem restrições, construindo assim seu jogo simbólico e fazendo uma longa viagem ao mundo fantástico das imaginações.

Kaufmann (1996, p.260) descreve o conceito de imaginário no campo da psicanálise valorizando os aspectos subjetivos. Ele o define como: “[...] é vivido como uma dialética temporal que projeta definitivamente em história a formação do indivíduo”.

Por outro lado, Ferreira (2010, p.1125), descreve o imaginário numa visão mais de domínio público voltado para o social. Ele o define como: “[Do lat. Imaginarium.] **Adj.1.** Que só existe na imaginação; ilusório; fantástico: [...] **4.** O conjunto de símbolos e atributos de um povo, ou de determinado grupo social: Constatamos que ambos os conceitos são importantes e se sobrepõem na história do sujeito, pois não podemos desconsiderar o sujeito sem um laço com o social.

Esse imaginário que têm tantas informações ligadas à essência da criança remete a algo, que existe para além de toda sua estrutura subjetiva. Considerando a abordagem psicanalítica, essa estrutura, se constitui a partir da primeira relação com a mãe ou com quem exerça este papel. É a partir da operação de constituição do sujeito que se permite a inicialização da organização psicomotora da criança. Iremos aqui neste trabalho focar mais especificamente os aspectos da imagem do esquema corporal.

Este texto de revisão bibliográfica pretende de forma simples e objetiva descrever os efeitos das produções imaginárias na constituição da imagem corporal e na organização do esquema corporal. Desta forma conceituaremos estas questões abordando ao longo desta discussão as teorias psicanalíticas e suas reais contribuições.

PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS E ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM E DO ESQUEMA CORPORAL

A FUNÇÃO DAS PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS NOS CONTOS DE FADAS E NO JOGO SIMBÓLICO.

Se numa fração de segundo as crianças puderem se teletransportar durante uma brincadeira, para uma estrada que apontasse para várias direções, onde tudo aparenta ser diferente, novo, assustador e de repente perceberem, que não estão sozinhas naquele lugar, até então um tanto misterioso. Nesse mesmo lugar encontrar um homem feito de lata, um espantalho que fala e uma linda fada gentil e sorridente que lhe mostrasse o caminho correto para voltar para casa. E como num passe de mágica elas mergulhassem na história do Mágico de Oz. Se apropriando dos personagens que mais se identificam.

É desta forma que podemos perceber como se dá o processo de formação das produções imaginárias, pois elas acontecem de forma natural e gradativa, de acordo com o que a criança traz de suas crenças, valores e cultura que normalmente estão enraizadas em sua história de vida. É algo que é puramente seu, é formado de ideias, imagens e desejos ocultos que se estruturam formando a sua subjetividade.

Bettelheim (2015, p. 34-35) garante que os contos de fadas ajudam as crianças a buscar a sua identificação, como descreve logo adiante.

“Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugere as experiências que também são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter.”

Os contos permitem as crianças explorar todo o seu potencial criativo dentro dos contextos das histórias. Pelo fato de falarem uma linguagem mais acessível à criança,

os conceitos que estas histórias oferecem são no geral conhecidas da sociedade, então as crianças não se sentem deslocadas, pois falam de sentimentos parecidos com os seus favorecendo então uma maior vivência e experimentação dessas histórias.

É durante as brincadeiras, o momento em que as crianças sentem mais prazer, não apenas quando estão sozinhas, mais também quando estão interagindo com outras crianças. As brincadeiras e jogos escolhidos levam em consideração a linguagem das experiências vividas, dos seus sentimentos, da afetividade, que são reproduzidos no contexto desses jogos, carregados de simbolismos. Estes jogos não ocorrem de forma aleatória em relação a sua escolha. Eles são escolhidos pela face subjetiva da criança, pois sempre remetem a algo ligado ao desejo de descobrir tudo sobre si e sobre o mundo.

O imaginário permite a criança inventar, fantasiar o que só existe em sua cabeça, experimentar o novo e tudo aquilo que de alguma forma lhe provoque curiosidade. Permite também repetir sensações que traduzam o bem estar, que de alguma forma imaginar permite a criança criar uma realidade somente sua e de acordo com suas necessidades.

É neste aspecto que os contos de fadas alcançam amplamente o imaginário infantil, possibilitando uma vivência maior e mais compreensiva de sua subjetividade. Com a variedade dos contos, as crianças podem encarar seus sentimentos como o medo, a angústia, e aflição através das histórias e fazendo conexões entre estes dois eixos. E quando esta oportunidade é dada, a criança torna possível o entendimento sobre si mesmo e sobre o mundo ao qual faz parte, como informa (MACHADO, 2002).

Pelo fato de ter pouco conhecimento e ser inexperiente nos assuntos do mundo ao qual pertencem, os contos de fadas permitem a criança descobrir o que nem por um segundo elas poderiam imaginar existir. É a partir dessas descobertas que a criança começa a compreender o seu consciente, para que então mais adiante ela possa também compreender de forma racional como seu inconsciente funciona na percepção de (BETTELHEIM, 2015).

Os contos de fadas falam de maneira clara e breve os problemas frequentes da humanidade, falam de forma voltada totalmente a linguagem das emoções onde geralmente a criança esta envolvida. É interessante também pensarmos que as histórias

permitem a criança variar os sentidos delas, ou seja, cada leitor encontra o seu e sentem-se atraídos por perceberem que os seus dilemas também são o de outras crianças, e isso pode gerar um pensamento positivo de que tudo pode ser resolvido por mais difícil que seja, e a criança torna-se capaz de enfrentá-los assim como fazem os heróis, como informa (MACHADO, 2002).

É importante também destacar que quando a criança começa a compreender os seus questionamentos sobre o seu lugar neste mundo, ela também aguça seu inconsciente quando permite que o imaginário convide a experimentar novos devaneios. Permitindo um fortalecimento de sua subjetividade.

É nas brincadeiras dos contos de fadas que aparecem os significantes que permitem as crianças entrarem inconscientemente no **jogo simbólico**, permitindo a adaptação da realidade, favorece o desenvolvimento da linguagem, tem a função importante na construção dos símbolos e prevalecem os aspectos figurativos (dos objetos ou mesmo a ausência deles) que representam diferentes significados a depender do contexto. O jogo simbólico, também revela aspectos emocionais, ou seja, ele nos mostra sentimentos mais íntimos da criança, que em muitas situações lhe parece desconhecidos. Tais sentimentos como a afetividade, permite a criança se expressar de forma bem natural.

Então esta posição que o jogo simbólico ocupa na estruturação do sujeito, ou seja, no ponto de início da sua constituição psíquica, tem um papel importante, pois além de acessar o imaginário e simbolizá-lo, permite a criança desenvolver-se enquanto brinca.

E confirmando a importância que o jogo simbólico traz para o desenvolvimento psíquico e social da criança, que Piaget (2014, p.138) afirma.

“É óbvio que este exercício simbólico, ainda menos do que o exercício puro e simples, não pode explicar-se pelo pré-exercício: não é para aprender a lavar-se ou a dormir que a criança assim joga. O que ela procura é, simplesmente, utilizar com liberdade os seus poderes individuais, reproduzir as suas ações por prazer de oferecê-las em espetáculo, a si própria e aos outros, em suma, exibir o seu eu e assimilar-lhe, sem limites, o que ordinariamente é tanto acomodação à realidade como conquista assimiladora.”

Os jogos simbólicos se tornam cada vez mais significativos à medida que a criança amadurece, a oralidade e expressão corporal se desenvolvem através das atividades lúdicas que elas realizam e conseqüentemente a ajudam a construir seu

próprio conhecimento e compreender como sua subjetividade acontece. O brincar ajuda a criança a socializar e também a entender seus sentimentos mais desconhecidos. Isso dá a ela a possibilidade de constitui-se como sujeito com imagem e características próprias.

CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM DO CORPO E DESENVOLVIMENTO DO ESQUEMA CORPORAL

Primeiramente o imaginário esta presente em nossas vidas e também esta em todas as dimensões sociais, tem haver com as questões culturais, as crenças e os valores de cada indivíduo da sociedade. Também tem haver com o conteúdo individual da psique de cada pessoa e todo tipo de acontecimento que antecedeu sua chegada neste mundo. O imaginário é uma instância psíquica³ que vincula uma relação dual entre o Eu e o Outro, ou seja, a criança e a mãe ou quem faça este papel, e tem relação direta com a imagem. Estas imagens tem por característica a individualidade do sujeito e se organizam cronologicamente dentro de sua história psíquica.

No limiar de sua vida a criança recebe “inscrições” no seu corpo, através da relação marcante com o seu genitor ou quem assume este papel. Na teoria psicanalítica esta relação tem um papel fundamental nesse primeiro passo, para que esse sujeito exista de forma integral, não apenas organicamente, mais também psiquicamente.

Inicialmente esse **Outro**⁴ é conhecido no campo da psicanálise como **Grande Outro Primordial**. Caracteriza-se como aquele que atribui o primeiro olhar, o sentido, o desejo, para a criança. Este olhar que lhe é dado nos primórdios de sua vida permite ao longo de seu desenvolvimento a constituição de sua subjetividade. E desta forma permitirá que sua estruturação psíquica ocorra de forma integral, no que se refere à organização do seu esquema corporal e constituição da imagem.

E desta forma Soledade (1996, p.30) descreve sobre este primeiro olhar.

Pode-se pensar que, para que o corpo do sujeito exista para ele mesmo, é preciso que aquilo que lhe é dado como orgânico tenha um reconhecimento no olhar do

³ O conceito de instância é introduzido por Freud no capítulo teórico de *interpretação dos sonhos*, na base de sua primeira tópica, com o objetivo de ordenar as “regiões” do aparelho psíquico percorridas pelo processo de elaboração do sonho em Kaufmann, Pierre, Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p.273.

⁴ Essa noção de “grande Outro” é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; trata-se de uma realidade discursiva de que Lacan fala no seminário 20 em Kaufmann, Pierre, Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p. 385.

Outro, já que desse reconhecimento faz parte uma atribuição de sentido e, portanto de palavras inseridas em um discurso particular.

E essa leitura feita pelo olhar desse Outro é da ordem do imaginário, e como se este corpo primeiramente não tivesse nenhum sentido, então esse Outro insere sentidos, significados, para que este se torne imagem e seja capaz de ser simbolizado como afirma (LEVIN, 2011).

Mas também se faz necessário que esta criança reconheça e responda desse lugar desejante, que a criança se aliene ao desejo deste Outro para que exista no campo simbólico. A partir dessa existência simbólica a criança tem a possibilidade de constitui-se como sujeito, ou seja, vivência o processo de construção da sua identidade corporal como é caracterizado pela autora (BERNARDINO, 2006).

No processo de constituição da sua identidade, primeiramente a criança não tem ainda a sua linguagem, e não se reconhece como sujeito, ou seja, ela associa sua imagem ao do Outro como sendo uma única imagem no registro do imaginário. No segundo momento de constituição a criança passa a reconhecer a própria imagem desassociada da imagem dos pais, ela começa a perceber que as imagens são distintas. Começa um processo de identificação própria. E ao final desses processos de constituição, é quando ocorre uma separação da imagem dessa criança com esse Outro, é nesse momento que a criança se reconhece como sujeito com imagem própria, e se insere no mundo simbólico de formação da sua subjetividade.

Esses momentos de alienação, que ocorrem no processo de constituição da criança é definido como operação de constituição do sujeito, que Lacan (1998, pg.100) assim define como Estádio do espelho.

“A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade. [...] é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência da antecipação -- e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica -- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental [...].”

Ao por fim na fase identificatória do estádio do espelho, quando a criança começa a se subjetivar e se reconhecer como sujeito, ela ainda permanece ligada a esse Outro,

na busca da identificação desse objeto de desejo da mãe e da própria criança. O que ela busca é permanecer sendo objeto de desejo dessa mãe faltante, se tornando o falo⁵ materno como é descrito por (DOR, 1992).

Mesmo após a fase de conquista identificatória a criança ainda permanece ligada a essa mãe, isso porque antes de tudo era essa mãe que servia como uma espécie de “janela para o mundo”, ou seja, era alguém que norteava suas descobertas, experiências, que te transmitia segurança e afeto, a criança vivenciava o mundo através dessa mãe.

Com a entrada do terceiro elemento nesta relação dual, ou seja, o pai, a criança inicialmente sofreria uma angústia, e manteria uma resistência em separa-se dessa mãe que o deseja e o mantém em segurança por ser detentora desse falo, a criança pela primeira vez teria a possibilidade de ser ou não ser mais esse falo da mãe. Pois com a entrada da função paterna a relação desse objeto fálico ganharia outro significado, o pai teria mais destaque por ser o novo detentor desse falo por um período, pois seria aquele que impõem a lei através da linguagem.

E essa lei tem importância simbólica porque, com a entrada do terceiro nesta relação à palavra apareceria, ou seja, a linguagem, e a criança identificaria o seu lugar de objeto perante a mãe e o pai, com a entrada da linguagem no seu psiquismo, várias marcas surgiriam neste processo, e ficariam para o resto da vida marcada neste corpo. Ocasionalmente assim uma relação direta com a constituição de sua imagem e também a organização do esquema corporal.

Kaufmann (1996, pg.135) descreve estes momentos vivenciados pela criança do reconhecimento de ser ou não ser esse falo, e assim caracteriza-se como complexo de Édipo que [...] “designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre os dois polos de suas formas positiva e negativa”.

⁵ O falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, se por isso devemos entender um efeito imaginário. Como tal, não é tampouco um objeto (parcial, interno, bom, mal etc.) na medida em que este termo tende a apreciar a realidade interessada numa relação. Muito menos ainda é o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. [...] Pois o falo é um significante [...] Pois é o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significantes em Kaufmann, Pierre, Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p.194.

Para que se constitua a imagem corporal primeiramente a criança precisaria identificar-se com a imagem do Outro, isso porque esse corpo é imaginado pelos pais antes mesmo da criança existir de fato. E esse primeiro corpo simbólico é representado pelos desejos parentais e a constituição desse corpo começa a partir de uma história da sua origem na qual a criança não escolheu como é afirmado por (LEVIN, 2011).

Essa imagem especular entre o Outro e a criança permite a ela por um lado reconhecer-se nesta imagem, como também se desconhecer na imagem refletida. A criança se antecipa a esta imagem como sendo sua, pela sua imaturidade e por simplesmente ainda ser dependente desse Outro, que insere o olhar, o desejo, a linguagem marcando esse corpo. E a criança recebe essas marcas inconscientemente possibilitando a sua constituição de forma singular.

Apresentamos como descrição da imagem corporal por alguns autores:

Levin (2011, p.71) “A imagem corporal é constituinte do sujeito desejante e, como tal, é um mistério, não é em absoluto da ordem do evolutivo, vai se constituindo no devir histórico da experiência subjetiva. Por isso está relacionada com a inscrição, com a demarcação minênica”.

Também é proferida como uma relação permanente com a história psicomotora, no que diz respeito ao motor, ao afeto e a cognição do indivíduo, organizando-se e se reorganizando continuamente através da relação das seguintes esferas do comportamento humano como a fisiológica, a libidinal e a sociológica como descreve (FONSECA, 2008 apud SCHILDER, 1968).

Sem esse olhar do Outro a possibilidade da criança entra no cenário simbólico, é praticamente nulo, é necessário ter esse lugar para sua imagem. Para que ela possa desenvolver suas questões da subjetividade de maneira adequada. Pois a imagem corporal é da ordem do imaginário e pertencente ao inconsciente. Pois se a criança não vivencia este processo de identificação o esquema corporal não acontece.

Já o esquema corporal que se inter-relaciona com a imagem do corpo, também está relacionado com a constituição subjetiva e histórica desse sujeito, e a representação que temos do corpo, é da ordem do evolutivo. E a linguagem o atravessa dando-lhe existência como é descrito por (LEVIN, 2011).

E seguindo o processo de constituição do esquema corporal que se inicia no estágio do espelho, onde a imagem corporal não se desenvolve sozinha, mas com o

auxílio de outro sujeito, o esquema corporal segue desta mesma forma, porém atrelado a essa imagem funcionando como representante. E a criança dar-se conta de que existe um corpo ali, quando consegue distinguir entre seu reflexo e sua imagem real.

Alguns autores descreve o esquema corporal da seguinte forma.

Boulch (1983 p.37) [...] “uma intuição de conjunto ou um conhecimento imediato que temos de nosso corpo em posição estática ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si, sobretudo nas relações com o espaço e os objetos que nos circundam”.

Já o (Fonseca, 2008 apud Schilder, 1968 pg.106) [...] “como uma noção de âmbito neurofisiológico, que pode ser entendida como a imagem mental do corpo registrada no âmbito cerebral, mais exatamente no âmbito parietal, em função da integração das percepções e da elaboração das respectivas praxias. Tal noção, talvez a mais usada entre nós, tem, no entanto, o grande inconveniente de o termo “esquema” não traduzir a noção de plasticidade e de disponibilidade que este conceito contém”.

A importância de se ter um esquema corporal bem estruturado, beneficia a criança no sentido de que suas ações mais usuais dos esquemas motores, podem facilitar sua vida, como por exemplo, uma boa coordenação motora nos gestos, na escrita. Mas dependerá muito como este corpo foi moldado pelo discurso do Outro.

O PAPEL DAS PRODUÇÕES IMAGINÁRIAS NA ESTRUTURAÇÃO DO ESQUEMA E IMAGEM CORPORAL.

Fantasiar a realidade para compreender seus sentimentos e partilhar emoções com maior possibilidade de expressão corporal.

Quando as crianças entram no mundo da fantasia elas passeiam por lugares que desperta sua curiosidade sobre como funciona os mistérios que envolvem sua vida. E a escolha das brincadeiras é um diferencial importante, porque deve levar em consideração a exploração dos sentimentos da criança, tais sentimentos ainda desconhecidos ou não explorados por elas. A melhor brincadeira é aquela que desperta na criança a criatividade, desperta seus sentimentos, se faz necessário deixar que a criança explore seus sentimentos que venham a surgir durante a brincadeira.

Quando a criança fantasia sua identificação com o herói, ela consegue compensar imaginariamente todas as inadequações existentes ou não do seu próprio corpo. Ela fantasia que pode voar e tocar na nuvem, derrotar o inimigo, torna-se a pessoa mais

forte, tal como o herói, executando tudo que ela poderia desejar ser como é descrito por (BETTELHEIM, 2015).

A brincadeira espontânea que surge através dos contos de fadas associada à imaginação criativa da criança proporciona a mesma uma capacidade de identificar-se com os personagens tanto vilões como heróis, de uma maneira que a personagem escolhida para representá-la, será sempre aquela que compartilha emoções e sentimentos parecidos com os seus. É como se esses personagens ganhassem vida e compreendessem-se as crianças em seu íntimo.

E Bettelheim (2015, p.57) afirma que “O conto de fadas oferece materiais fantasiosos que sugerem sob forma simbólica à criança o que seja a batalha para atingir a auto realização, e garante um final feliz.”.

E poder explorar estes sentimentos de uma maneira que transmita tranquilidade permitindo a criança compreender a dinâmica do seu consciente, com essa ação do brincar a criança acaba internalizando seus próprios limites sentimentais e motores.

A Importância do jogo simbólico nas brincadeiras influenciando o desenvolvimento psíquico e social da criança.

O jogo simbólico que tem sua estrutura voltada para a ludicidade tem sua importância no desenvolvimento infantil, porque quando a criança brinca, elas constroem símbolos significantes que revelam o que está pensando. Muitos dos jogos que as crianças conhecem foram transmitidos pelos seus avós, passando de geração para geração, pois estes jogos carregam culturalmente as crenças de uma sociedade.

Os jogos são carregados de simbolismos inconscientes que vão permitir diferentes configurações e evolução do próprio jogo. Com a predominância dos aspectos figurativos no jogo é importante observar a criança quando esta envolvida neste contexto se faz necessário observar seu plano de criação lúdica, verificar se usa de metáforas⁶ para simbolizar a sua realidade.

⁶ [...] “define a metáfora como a “transposição para uma coisa de um nome que designa outra, transposição ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero, ou da espécie para a espécie, segundo a relação da analogia”. “A metáfora – escreve ele – é a única coisa que não se pode tomar de outrem, e é um sinal de dons naturais, pois bem fazer metáforas é bem perceber as semelhanças.” [...] em Kaufmann, Pierre, Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p.332.

A importância dessa observação descrita por Levin (2016) “Sem esta dimensão ficcional e cênica o universo representacional da criança não se pode constituir”.

Ou seja, se a criança não tem capacidade de inventar, ela perde a possibilidade de descobrir sobre tudo o que o mundo pode lhe oferecer.

Mas quando ela brinca inventando ou inventa brincando cria-se verdadeiras produções, pois ela consegue elaborar resoluções para seus conflitos, potencializar seus diálogos, têm maiores possibilidades de fazer escolhas, ela desenvolve seu raciocínio, tem maior flexibilidade em suas ações, aprende a ter liderança e a compreender seus sentimentos, ou seja, ela aprende a pensar. Pois é necessário criar aspectos e estruturas que possibilitam as crianças entrarem no jogo simbólico com toda a sua imaginação disponível, porque ao entrar numa cena ou no cenário a criança inventa o que não está ali, desconhece o irreal, o incompreensível, um novo artifício como possibilidade de torna-se deferente de todos.

Então a criança que brincou bastante, tem maiores possibilidades de desenvolvimento, pois vivência várias cenas que favorecem a construção do seu saber psíquico como descreve (LEVIN, 2016).

Conhecer sobre sua história de vida e a importância do Outro na constituição deste sujeito.

Os pais já imaginam um corpo antes mesmo da concepção, ou seja, já existe um desejo de existir um sujeito que posteriormente se constituirá como tal através dos efeitos com a relação com esse Outro.

Sobre esta relação à autora Catão (2015) afirma que “é a identificação transativista⁷ da mãe com o bebê que permite as primeiras inscrições constituintes do psiquismo da pequena criança”.

Ao nascermos o nosso corpo não é constituído, ou seja, ele é constituído por intermédio de um Outro que insere marcas através da linguagem, trazendo este corpo do simbólico para o real.

⁷ Lacan no campo psicanalítico faz uma referência ao transativismo no momento da construção do sujeito. “É nesse momento que decididamente faz todo o saber humano bascular para a mediação pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural – passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo.” Como se vê em Escritos; Lacan, Jacques 1998 pg. 101-102.

Bernardino (2006, p. 82) afirma que a “história que cada um traz em si e que lhe é tão pessoal quanto os traços do seu rosto”.

Então e de grande importância essa relação que a criança tem com o Outro, mas também com seu pai, pois são eles que contribuem inserindo marcas e significados nesse corpo, contribuindo para o desenvolvimento desse sujeito. Mesmo porque para existir um sujeito é necessário que ele tenha existido imaginariamente primeiro no Outro.

As indagações sobre sua história de vida é algo que estimula a criança a buscar respostas sobre como ele se tornou sujeito, pois é papel do Outro servir como agente representante entre a criança e o mundo. Ou seja, o Outro transmite para a criança todo o conhecimento ao qual ele ainda não possui.

Encontrar Saídas para resoluções de conflitos tendo como resposta o Fortalecimento da imagem corporal.

Os conflitos existenciais que envolvem as vidas das crianças criam situações que muitas vezes engessam essa criança não permitindo que a mesma encontre saídas para resolver seus conflitos internos.

A criança por causa da sua imaturidade sofre angústias, pois ainda não possuem bagagem psíquica para ajuda-la nas suas questões sociais, sentimentais e psíquicas. E sua relação com o Outro proporciona a força de que precisa para resolver seus conflitos internos. Esse Outro valoriza e incentiva seu desenvolvimento, impulsionando a criança a buscar sempre além do seu horizonte.

Outra forma da criança resolver seus conflitos acontece justamente quando ela brinca, principalmente quando utiliza os contos de fadas como recurso para acessar seu imaginário, pois os contos permitem as crianças vivenciarem vários papéis. Pois os contos também mostram isso como Bettelheim (2015, p.37) descreve “[...] ilustram conflitos íntimos, mas sempre sugerem sutilmente como estes conflitos podem ser solucionados [...]”.

As crianças quando se personificam como heroínas ou mesmo vilões, elas absorvem uma força interna desconhecida até então. Pelo fato de que seus sentimentos também aparecerem nas histórias de alguns personagens dos contos, essa semelhança

aproxima a realidade da criança ao mundo da fantasia, onde tudo pode ser possível de ser realizado dentro desse universo mágico.

Os contos tem a possibilidade de servir como âncora para equilibrar a subjetividade da criança, isso porque possibilita a criança vivenciar novas experiências que contribuíram na constituição do seu ser.

Aucouturier (2007, p.316) nos mostra que através da fantasia a criança se desenvolve psicologicamente. “Brincar é um antídoto para a angústia; a criança é criadora dos próprios asseguramentos, necessários para a conquista de sua identidade e de sua autonomia”.

Os contos fortalecem as crianças na sua essência, permitindo que a mesma tenha um melhor controle dos seus sentimentos, e desta forma ela se veja como um ser com capacidade de responder a cada desafio.

Com a sua subjetividade fortalecida a imagem corporal da criança recebe significados marcantes para que seu desenvolvimento ocorra de maneira adequada. E essa intervenção causada pelas marcas mnêmicas acontece a partir da relação com o Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao brincar a criança enfrenta a sua realidade no propósito da criação de uma nova, desta forma os contos de fadas transmitem a mensagem que se faz necessário lutar sempre pelos seus ideais, pois os dilemas que envolvem as crianças, também são comuns a toda a sociedade.

É importante resaltar que os contos de fadas despertam na criança a curiosidade sobre os mistérios do mundo e também sobre história de sua existência. É interessante quando além da curiosidade, é também despertada a imaginação desta criança.

A imaginação permite a criança ter devaneios favorecendo o aparecimento dos símbolos que de alguma forma a representa no seu íntimo. Estes símbolos inseridos no contexto de um jogo simbólico favorecem a ressignificação do mundo real e favorece também a interação da criança com o outro. O jogo também oportuniza que a mesma fortaleça sua subjetividade.

O jogo também possibilita como ganho maior para a criança o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, emocional, social e cultural.

Desta forma os contos de fadas promovem com o tempo que a criança adquira autocontrole na questão sobre como resolver as adversidades que surgem em torno de sua vida. E além dos contos, outro ponto importante acontece neste desenvolvimento, à relação que se instala ao iniciar sua vida com a sua mãe e posteriormente também com seu pai. Esta relação é o pontapé inicial para que a criança comece a se constituir como sujeito importante no mundo.

De acordo com importantes autores do campo psicanalítico como, por exemplo, Lacan que destaca o quanto é importante na fase inicial da vida da criança a interferência dos pais que participam ativamente nesta constituição desse sujeito, inscrevendo marcas e possibilitando a essa criança que inicialmente não tem uma imagem compacta. E que posteriormente evolui progressivamente no decorrer de suas vivências subjetivas, ou seja, a imagem corporal se constitui a partir da relação com as demarcações **mnêmicas** (lembranças da ordem do inconsciente) que o Outro insere no seu corpo.

Porém é importante registrar que a imagem corporal quando constituída de maneira positiva permite a criança um favorecimento na organização do seu esquema corporal, possibilitando ganhos no seu aparelho motor, tais como consciência corporal, desenvolvimento das capacidades de orientação e organização do espaço e do tempo.

Há muito que se refletir ainda sobre estes aspectos da relação e influência dos contos de fadas na constituição da imagem da criança, assim como a importância que a fantasia e o jogo simbólico têm no desenvolvimento psicológico. E o encorajamento que a criança adquire para solucionar suas questões conscientes e inconscientes deixam claro que os benefícios adquiridos na infância são validados para a vida toda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUCOUTURIER, Bernard, O método Aucouturier: fantasmas de ação e prática psicomotora. Trad.de Maria Cristina Batalha, 2º edição, Aparecida, Idéias & Letras, 2007.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (Org.), O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição: infância e psicanálise, 1º edição, São Paulo, Escuta, 2006.

BETTELHEIM, Bruno; A psicanálise nos contos de fadas. Trad.de Arlene Caetano 30ºed. , São Paulo. Paz e Terra, 2015.

BOULCH, Jean Le; A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Trad.de Carlos Eduardo Reis, Bernardina Machado Albuquerque, 2º edição, Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

CATÃO, Inês; O corpo como resposta à invocação da mãe, **Revista de psicologia, diversidade e saúde**, v.4, n.1, 2015. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/665>, acesso em: 28 Abr de 2016.

DOR, Joel; Introdução a leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Trad.de Carlos Eduardo Reis,3º edição, Porto Alegre, Artes Médicas,1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; Dicionário Aurélio da língua portuguesa, 5º ed., Curitiba, Positivo, 2010.

FONSECA, Vitor da; Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem, Porto Alegre, Artmed,2008.

KAUFMANN, Pierre; Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Trad. de Vera Ribeiro, Maria Luisa X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1996.

LACAN, Jacques, Escritos. Trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 1998.

LEVIN, Esteban; A clínica psicomotora: o corpo na linguagem. Trad. de Julieta Jerusalinsky, 9ºed. , Petrópolis, Vozes, 2011.

_____. Esteban; A criança: do organismo ao corpo, Scielo Proceedings, An. 3, São Paulo,2016. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032001000300009&script=sci_arttext, acesso em: 18 Ago. de 2016.

MACHADO, Sônia Porto; Sobre fantasias e os contos de fadas. **Revista Liberato**, educação, ciência e tecnologia, Novo Hamburgo v.3, n.3, 2000. Disponível em: <http://revista.liberato.com.br/ojs-2/index.php/revista/article/view/38>, acesso em:

18 Ago. de 2016.

PIAGET, Jean; A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. de Álvaro Cabral e Cristiano Monteiro Oiticica, 4º ed., Rio de Janeiro, LTC, 2014.

SOLEDADE, Taya; Brincando de verdade: uma reflexão sobre a realidade infantil, An. 1,n.1,Salvador, Cadernos o corpo e a letra,1996.